



A ÉTICA DAS VIRTUDES DE ALASDAIR MACINTYRE: IMPLICAÇÕES PARA A MORALIDADE CONTEMPORÂNEA

The Ethic of Virtues of Alasdair MacIntyre: Implications for Contemporary Morality

*Aléssio da Rosa**

Resumo: Este artigo quer esboçar um possível caminho para uma ética comunitarista, segundo MacIntyre, tendo como tema a sua repercussão na atualidade e suas possíveis implicações na reflexão filosófica contemporânea. A Ética Comunitarista é uma proposta de atualização da ética aristotélica/tomista. Apoiado nas teorias de Aristóteles e Tomás de Aquino, MacIntyre percebe que serão os conceitos de tradição, prática e narrativa da vida humana - que forneceriam as bases e princípios teóricos para a compreensão do papel das virtudes no contexto contemporâneo. Para o filósofo escocês, o ser humano é parte integrante de um contexto social, onde realiza diversos tipos de ações que estão interligadas entre si, e que trazem resultados tanto para o sujeito que as exerce, quanto para toda a comunidade em que esse sujeito vive. Sua reflexão discorre sobre o desafio de desenvolver uma ética para as sociedades contemporâneas, marcadamente pluralistas e multiculturais. Diante desse desafio, surgem algumas questões: como desenvolver comunidades éticas nas quais os cidadãos, por meio dos debates racionais, com base em suas tradições, discutam o reconhecimento da pluralidade de opiniões e escolhas com todas as suas consequências práticas, culturais, políticas e teóricas? É possível a manutenção de um ambiente de reciprocidade entre as diferentes tradições?

Palavras-chave: Ética das Virtudes. Tradição. Moralidade Contemporânea.

Abstract: This article aims to outline a possible way for a communitarian ethic, according to MacIntyre, whose issue its impact today and its possible implications in contemporary philosophical reflection. The communitarian ethics is an upgrade proposal of Aristotelian / Thomist ethics. Based on the theories of Aristotle and Thomas Aquinas, MacIntyre realizes that the concepts of tradition, practice and narrative of human life - that will provide the foundations and theoretical principles to understanding the role of virtues in the contemporary context. For the Scottish philosopher, the human being is part of a social context, which performs various types of actions that are interconnected, and that bring results both for the subject that carries it, as for the whole community where this subject lies. His reflection discusses the challenge of developing an ethic for contemporary societies, markedly pluralistic and multicultural. Faced with this immense challenge, some questions arise: how to develop ethical communities in which citizens, through rational discussions based on their traditions, to discuss the recognition of the plurality of opinions and choices with all its practical consequences, cultural, political and theoretical? It is possible to maintain a reciprocity between different environmental traditions?

Keywords: Ethics of Virtues. Tradition. Contemporary Morality.

* Doutorando da Universidade Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Graduado em Filosofia e Teologia, mestre em Filosofia da Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: <alessiosc@hotmail.com>.

1. Introdução

Para MacIntyre, os problemas para a justificação moral da ética se encontram, historicamente, localizados a partir da ruptura da estrutura fundamental religiosa que assegurava a justificação racional da vida ética, ao final da Idade Média. Com o advento da modernidade, o modelo medieval estava superado. Essa ruptura faz com que a religião não seja mais a referência para as ações humanas, cabendo à filosofia ser a protagonista de tal modelo em profundas transformações.

O projeto filosófico Iluminista, advindo da modernidade, procurava oferecer uma justificativa racional para a moralidade, fundamentado sobre três eixos principais: o primeiro de caráter moral, o segundo filosófico, e finalmente, o último, de fundamento sociopolítico. Segundo MacIntyre, na ânsia de procurar fundamentar uma “racionalidade” para as ações humanas, os iluministas se descuidaram da fundamentação de uma moralidade que levasse em conta as condições sóciohistóricas, frente à instabilidade do momento pelo qual estava passando a humanidade. Essa lacuna, herdada dos modernistas, tem seus reflexos na sociedade atual, contemporânea, conforme relata Lins,

O que acontece hoje é uma ilusão por meio de simulacros e máscaras de agirmos moralmente, quando na verdade não existe uma moralidade que não esteja pressionada pelo poder arbitrário, tirano. A moralidade hoje está sufocada por uma ausência de paradigmas externos ao estado emocional das pessoas, em que o próprio estado emocional do sujeito o impede de pensar de forma isenta sobre as questões de moral e assim conduzir seu comportamento coerente com valores e princípios objetivamente formulados¹.

MacIntyre tem certa dificuldade de precisar o que entende por sociedade contemporânea e a qual período realmente ele se refere quando utiliza esse termo. Mas, em algumas entrevistas, deixou claro que se está referindo ao século XX. Século este caracterizado por uma privação herdada da teoria universalista que impediu qualquer compartilhamento da moralidade racional, gerando uma fragmentação de conceitos de teorias passadas, anteriores ao iluminismo.

Segundo Borradori,

O que a cultura do século XX herdou do iluminismo nada mais é do que um amálgama de fragmentos resultantes de comportamentos e teorias passadas [...] a teoria universalista por excelência transmitiu ao ocidente tal sentimento de derrota que o século XX achou-se privado de qualquer moralidade racional que pudesse dizer-se amplamente compartilhada².

O projeto iluminista não conseguiu solidificar as bases da moralidade, refletindo um sujeito contemporâneo com liberdade cerceada, sem autoridade no seu agir, pois não possui critérios e regras

¹ LINS, Maria Judith Sucupira da Costa. *Educação Moral na Perspectiva de Alasdair MacIntyre*. Rio de Janeiro: ACCESS, 2008. P. 37.

² BORRADORI, GIOVANNA. *A filosofia americana*, São Paulo: ed. UNESP, 2003. P. 200.

racionalmente aceitas que corroborem as suas ações. Para o filósofo, a constatação sobre a realidade atual da moralidade é que esta representa apenas um simulacro do que deveria ser a moralidade: uma coleção de fragmentos de moralidades passadas que já não formam um conjunto coerente. Como não possui mais uma concepção unificadora, a moralidade tornou-se totalmente fragmentada. MacIntyre conclui, então, que “temos, na verdade, simulacros da moralidade, continuamos a usar muitas das expressões principais. Mas perdemos – em grande parte, se não totalmente – nossa compreensão, tanto teórica quanto prática, da moralidade”³.

Mas qual a origem dessa fragmentação? Onde, ela se localiza, historicamente? Segundo a argumentação de nosso autor, os principais episódios históricos sociais que fragmentaram a moralidade têm suas bases na própria história da filosofia. De acordo com MacIntyre, estes episódios são “um histórico protestante secularizado, uma classe culta que ligasse os servidores do governo, o clero e os pensadores leigos num único público leitor, e um tipo de universidade recém-nascida”⁴.

Diante da situação difícil em que se encontra a moralidade, urge buscar uma solução para esse problema. E, por isso, o filósofo escocês, defende a necessidade de uma refundação da ética das virtudes, uma volta às teses de Aristóteles e Tomás de Aquino, onde os conceitos de tradição, prática e narrativa da vida humana são apontados como essenciais para a compreensão do caráter humano possibilitando a cada sujeito buscar os princípios de racionalidade que nortearão as suas decisões. Segundo essa concepção, o ser humano é parte integrante de um contexto social, onde realiza diversos tipos de ações que estão interligadas entre si, e que trazem resultados positivos tanto para o sujeito que as exerce, quanto para a comunidade na qual ele vive.

Um dos pontos interessantes dos estudos de MacIntyre é o desenvolvimento da concepção da fragilidade e do reconhecimento da mútua dependência entre os seres vivos e racionais. Essa visão do ser humano enquanto relação de dependência com os outros seres vivos, tem-se tornado um importante ponto de partida para a discussão das virtudes na sociedade contemporânea e, também, servido como um alerta para a necessidade de superação da atração instrumental e calculista das relações fundamentadas unicamente sob o binômio dar/receber. Por isso é urgente recolocar, ao ser humano contemporâneo, essa importante questão: como buscar uma vida boa em conjunto com as dimensões pontuadas nos conceitos de tradição/prática/narrativa da vida humana? A ética comunitarista das virtudes de base aristotélico/tomista será mesmo o melhor modelo ético para superação dos dilemas das sociedades contemporâneas marcadamente individualistas e multifacetadas?

³ MACINTYRE, ALASDAIR. *Depois da virtude*. Um estudo em teoria moral. Trad. Jussara Simões. Bauru, SP, EDUSC, 2001. P.13.

⁴ MACINTYRE, ALASDAIR. *Depois da virtude*. Um estudo em teoria moral. Trad. Jussara Simões. Bauru, SP, EDUSC, 2001. P.75.

MacIntyre faz o alerta para a necessidade de um regresso às fontes clássicas, onde a sociedade contemporânea encontrará ferramentas suficientes para superar o fracasso iluminista na fundamentação da moralidade. Nessa perspectiva, entenderemos que o ser humano se constitui para além de sua individualidade, considerando sua relação com os outros, com o meio ambiente, com as tradições, narrativas e práticas do seu grupo ou comunidade. Cada indivíduo desenvolverá a sua formação moral de acordo com as virtudes valorizadas individualmente e, também, no seu entorno, na sua comunidade, grupo e tradição.

2. O conceito de tradição segundo MacIntyre

MacIntyre sugere que a redefinição do conceito de tradição, estabelece o primeiro alicerce para a reformulação da moralidade. O conceito de tradição, segundo Carvalho (2007), é o que fornece as bases e princípios teóricos para a compreensão do papel das virtudes no contexto contemporâneo, recuperando o modelo teleológico aristotélico, deixando de lado aqueles elementos que esse mesmo contexto não mais admite como sustentáveis, de modo que seja uma conceituação da virtude que respeite a historicidade inerente ao agir humano e a sua necessária dimensão comunitária. Nesse sentido, para MacIntyre, o projeto iluminista almeja fundamentar maior liberdade e autonomia para a moralidade. Na mesma linha de pensamento segue Carvalho: “Esse projeto iluminista é descrito como centralmente preocupado em dar à moral uma justificação racional, independente da tutela teológica e das tradições, no intuito de conferir-lhes total autonomia na forma de princípios morais universais”⁵.

O conceito de tradição representa um conjunto de conhecimentos práticos que são válidos em seu tempo e que justificam os costumes de um grupo, que busca uma explicação racional da cosmovisão e dos preceitos morais e instituições sociais que engendra. Por meio dos conhecimentos práticos, o significado e a razão dos acordos fundamentais são expressos e, mediante o seu progresso, uma tradição vai sendo construída: “Apelar para uma tradição significa insistir que só podemos identificar adequadamente nossos próprios compromissos e os de outros nos conflitos argumentativos do presente se os situarmos dentro das histórias que os fizeram serem o que são”⁶.

Por isso não é possível, para um indivíduo, buscar o bem isoladamente, ou seja, sem a contribuição dos outros. Cada indivíduo desenvolverá sua identidade no interior de diferentes formas de comunidades: família, local onde nasceu, local onde mora, as associações com que mantém laços, a religião que professa, etc. Todos esses lugares são marcados por conflitos, desafios e dilemas. Caberá a

⁵ CARVALHO, H. A contemporaneidade de Aristóteles na Filosofia moral de Alasdair MacIntyre, *Síntese*, 2001, P. 37.

⁶ MACINTYRE, A. *Justiça de quem? Qual Racionalidade?* Trad. Marcelo Pimenta Marques. São Paulo: 4ª. ed. Loyola, 1991. P. 24.

cada indivíduo, empenhado na busca dos valores no interior de uma tradição, desenvolver a capacidade de superação desses mesmos conflitos e dilemas comuns a toda comunidade.

O conceito de tradição não é fechado, no sentido de que cada indivíduo esteja cristalizado ou determinado a viver sem ausência de crítica na tradição moral na qual nasceu ou está vivendo. Para o filósofo, a tradição não é algo estático, mas um modo singular de compreender e interpretar as práticas que são constantemente transmitidas, reinterpretadas e reinventadas socialmente. Assim, a vida que cada indivíduo busca, “a vida boa”, será alcançada quando o indivíduo conseguir estabelecer uma hierarquia de valores para a sua vida em sintonia com os bens e valores estabelecidos por sua comunidade. Nessa visão, viver uma tradição é, também, não se eximir dos conflitos que são inerentes à mesma. São esses enfrentamentos que, em parte, estabelecem os bens que irão constituir a tradição da comunidade em questão.

Por isso, um possível conceito de tradição em MacIntyre, passará por essa aproximação:

Uma tradição é uma argumentação, desenvolvida ao longo do tempo, na qual certos acordos fundamentais são definidos e redefinidos em termos de dois tipos de conflito: os conflitos com os críticos e inimigos externos à tradição que rejeitam todos ou pelo menos partes essenciais dos acordos fundamentais, e os debates internos, interpretativos, através dos quais o significado e a razão dos acordos fundamentais são expressos e através de cujo progresso uma tradição é constituída⁷.

Portanto, numa tradição, encontramos uma forma de vida, bem como uma história de conflitos. Uma forma de vida enquanto busca estabelecer os critérios para a comunidade alcançar os “bens” que irão proporcionar uma ‘vida boa’ aos seus membros. E, também, uma história de conflitos, na medida em que traz consigo uma narrativa dos debates que a conduziram à sua forma e características atuais. Ou seja, aprende-se com o passado já vivenciado para postular vivências no presente, sem abrir mão das possibilidades futuras.

3. Conceito de prática em MacIntyre

A compreensão ou o reconhecimento do indivíduo para com uma tradição acontece por meio das práticas, que são inerentes à sua vida. MacIntyre busca, na teoria aristotélica das virtudes, o conceito de prática como atividade característica humana. Assim a prática será entendida como,

Qualquer forma coerente e complexa de atividade humana cooperativa, socialmente estabelecida, por meio da qual os bens internos a essa forma de atividade são realizados durante a tentativa de alcançar os padrões de excelência apropriados para tal forma de

⁷ MACINTYRE, A. *Justiça de quem? Qual Racionalidade?* Trad. Marcelo Pimenta Marques. São Paulo: 4ª. ed. Loyola, 1991. P. 23.

atividade, e parcialmente delas definidores, tendo como consequência a ampliação sistemática dos poderes humanos para alcançar tal excelência, e dos conceitos humanos, dos fins e dos bens desenvolvidos⁸.

O contexto em que as virtudes serão exercidas e receberão sua definição, será no exercício de suas práticas. É no contexto das práticas que se autentica a identidade do sujeito pertencente a este grupo ou a um outro, pois as práticas reconhecidas nessa comunidade produzem bens tanto para o sujeito que as exerce, bem como para a comunidade que colhe seus frutos. Nesse contexto de relações sociais, o sujeito passa a ver-se como uma pessoa que possui uma história com papéis sociais determinados, e que todas as suas ações estão interligadas desde o seu nascimento até sua morte, sendo responsável por suas atitudes. Segundo Carvalho, “nossas narrativas são entrecruzadas pelas dos outros indivíduos que fazem parte da nossa vida, bem como pelas necessidades e exigências comunitárias ou sociais”⁹.

Assim, podemos perceber que as virtudes estão diretamente ligadas ao contexto das práticas de cada sujeito que participa de sua comunidade. São as virtudes que fornecerão as qualidades de caráter e de intelecto necessárias ao seu cultivo, bem como à sua reformulação diante dos desafios históricos e contingentes das práticas características de cada comunidade, ou tradição. Segundo MacIntyre, “a virtude é uma qualidade humana adquirida, cuja posse e cujo exercício costumam nos capacitar a alcançar aqueles bens internos às práticas e cuja ausência nos impede, para todos os efeitos, de alcançar tais bens”¹⁰.

Esse primeiro esboço de definição de virtude nos faz perceber que é no contexto de uma prática que se define a virtude como uma qualidade humana que, em constante exercício, possibilita realizar os valores de referência para definir os relacionamentos entre pessoas que compartilham a mesma prática. Ou seja, conforme Ribeiro (2012), as virtudes determinam a natureza das relações entre os sujeitos no interior da prática. Assim sendo, percebe-se que as virtudes são critérios de referência para o homem na sua liberdade e no seu agir¹¹. Segundo MacIntyre, “ao agir de determinada maneira em determinada situação, o homem autoriza o julgamento de suas virtudes e seus vícios; pois as virtudes são as qualidades que sustentam o homem livre em seu papel e que se manifesta nos atos que seu papel exige”¹².

Conforme vimos, as práticas são muito importantes para as virtudes. No entanto, para MacIntyre (2001), as práticas não definem o lugar das virtudes. A vida humana vai além das práticas com as quais os seres humanos constroem o mundo da vida; elas possuem algumas características que extrapolam o

⁸ MACINTYRE, A. *Depois da virtude*. Um estudo em teoria moral. Trad. Jussara Simões. Bauru, SP, EDUSC, 2001. P. 326.

⁹ CARVALHO, H. Comunidade Moral e Política na ética das virtudes de Alasdair MacIntyre. *Ética*: Florianópolis, v. 6, n. 4, p. 17- 30, agosto 2007. P. 3.

¹⁰ MACINTYRE, A. *Depois da virtude*. Um estudo em teoria moral. Trad. Jussara Simões. Bauru, SP, EDUSC, 2001. P. 321.

¹¹ Cf. RIBEIRO, E. *Reconhecimento ético e virtudes*. São Paulo: Loyola, 2012.

¹² MACINTYRE, A. *Depois da virtude*. Um estudo em teoria moral. Trad. Jussara Simões. Bauru, SP, EDUSC, 2001. P. 211.

mundo das práticas. Poderá haver, em alguns casos, algumas práticas cujo fim último seja o desejo de vencer, ser reconhecido, obter benefícios para si mesmo. Na verdade, esses bens exteriores (fama, prestígio, reconhecimento) podem conduzir à corrupção dos bens interiores. Por isso, a relação entre práticas e virtudes não exclui a crítica moral de determinadas ações. Em alguns casos, as práticas podem ser totalmente incompatíveis com as pretensões de outras¹³.

A incompatibilidade de práticas se torna mais evidente nos tempos atuais devido à segmentação da sociedade contemporânea. Cada segmento comporta uma série de normas diferentes, que levam o indivíduo a comportamentos diferentes. No meio dessa multiplicidade de opções, a tendência é que o indivíduo tenha a sua vida cada vez mais segmentada. Separa-se o trabalho do lazer, a vida privada da vida pública, o coletivo do pessoal, o religioso do profano.

Segundo Ribeiro,

Essa situação de subdivisão de práticas, subdivisão do mundo da vida, confere e ao mesmo tempo exige uma série de empenhos que em alguns casos podem ser contraditórios entre si. Ora, diante dessa situação, MacIntyre postula um segundo momento na compreensão do conceito de virtudes. Esse segundo momento deverá pensar a vida humana como um todo, ou seja, como portadora de uma unidade que fornece um *telos* para as virtudes¹⁴.

Para perceber a vida humana como um todo, como portadora de uma unidade que fornece um *telos*, será preciso entender a vida em sentido de narrativa, ou seja, que tenha um início, meio e fim. Ainda mais: será necessário interpretar a ação humana como um episódio particular no contexto de um conjunto de narrativas, de histórias dos indivíduos envolvidos e dos contextos em que essas narrativas se desenvolvem. Nesse sentido, para MacIntyre, a reflexão partirá do seguinte ponto: “O homem é, em suas ações e práticas, bem como em suas ficções, essencialmente um animal contador de histórias”¹⁵.

4. Vida humana, uma unidade narrativa

Entendemos com a afirmação, ‘o homem é um contador de histórias’, citada anteriormente, que é plausível compreender a vida humana como uma unidade narrativa encarnada em uma vida singular. Somos autores e atores de uma narração em que se imbricam outras narrações que constituem a vida de outras pessoas. Cada pessoa vai desenvolvendo, ao longo da vida, a sua própria narrativa, ao mesmo

¹³ Cf. MACINTYRE, A. *Depois da virtude*. Um estudo em teoria moral. Trad. Jussara Simões. Bauru, SP, EDUSC, 2001.

¹⁴ RIBEIRO, E. *Reconhecimento ético e virtudes*. São Paulo: Loyola, 2012. P. 110.

¹⁵ MACINTYRE, A. *Depois da virtude*. Um estudo em teoria moral. Trad. Jussara Simões. Bauru, SP, EDUSC, 2001. P. 363.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.9 – Nº.2	Dezembro 2016	pp. 33-45
-----------------	-------------------	--------------	--------------	------------------	-----------

tempo em que é parte integrante, ainda que não protagonista, de outras narrativas. Segundo MacIntyre (2001), é na imprevisibilidade da vida de cada indivíduo, que se faz com que cada pessoa se torne um contador de histórias, que aspira à verdade de sua própria vida. Por isso, a narrativa de uma vida humana faz parte de um conjunto interconectado de narrativas de outras vidas com as quais cada indivíduo se relaciona.

Do entrelaçamento das relações humanas expressas por meio das narrativas históricas acontece a unidade da vida humana, seja para o indivíduo seja para a sua comunidade. Para encontrar essa unidade, há de se ter a necessidade de *busca*. Para tanto, refazendo uma leitura da época medieval, MacIntyre vai afirmar que havia uma característica que impregnava toda a busca, seja para aprimorar um conceito, seja para orientar uma vida, ou o desejo de obter uma vida melhor para o ser humano. Essa busca era perpassada por um ‘fim’, ou seja, um *telos*. MacIntyre nos mostra que quando buscamos uma vida melhor, ordenamos também outros bens, pois uma busca nunca acontece como um dado pronto, e sim como algo a ser atingido, encontrado. Por isso, segundo MacIntyre,

É no decorrer desta busca, e somente ao se deparar e superar os diversos males, perigos, tentações e tensões que proporcionam à jornada de busca seus episódios e incidentes, que finalmente se pode compreender a meta da busca. A busca é sempre uma educação quanto ao caráter do que se procura e de autoconhecimento e um crescente conhecimento de bem¹⁶.

A rigor, de acordo com Carvalho (1999), a vida individual consiste na unidade de uma narrativa encarnada numa vida singular, que na forma de atos e palavras tenta responder sistematicamente às questões acerca do que é bom para cada indivíduo e do que é bom para o homem. É do tecido histórico dos significados formado pelas respostas a essas duas questões que se constitui a unidade da vida moral, tanto para um indivíduo como para a comunidade.

Assim, numa tentativa de definição, ainda que provisoriamente, do significado de uma vida vivida sob o signo das virtudes, ou seja, sobre o fim que orienta a ação do ser humano numa vida humana considerada como um todo, a definição poderia ser expressa, de acordo com MacIntyre, da seguinte forma: “A boa vida para o homem é a vida gasta procurando a boa vida para o homem, e as virtudes necessárias para esse procurar são aquelas que nos capacitarão a entender o que mais e mais é a boa vida para o homem”¹⁷.

De acordo com o filósofo escocês, uma tentativa de solução para a crise da moralidade na sociedade atual será um retorno ao modelo da ética aristotélica das virtudes. O modelo ético aristotélico,

¹⁶ MACINTYRE, A. *Depois da virtude*. Um estudo em teoria moral. Trad. Jussara Simões. Bauru, SP, EDUSC, 2001. P. 368.

¹⁷ MACINTYRE, A. *Depois da virtude*. Um estudo em teoria moral. Trad. Jussara Simões. Bauru, SP, EDUSC, 2001. P. 369.

entendido como uma tradição de pesquisa racional, assumirá a qualidade de um paradigma de racionalidade para enfrentar os problemas éticos e políticos herdados da modernidade.

5. Um retorno à ética aristotélica das virtudes

Para MacIntyre, somente o restabelecimento do paradigma da tradição das virtudes poderá devolver a qualidade racional ao agir e ao pensar moral, compreendido dentro de uma tradição das práticas e da narrativa da vida de uma pessoa, num contexto social e histórico inteligíveis para os seus membros. Isso tem a ver com o fato de que, tanto a busca pelo bem, como o exercício das virtudes, não podem ser alcançados individualmente, como se não estivéssemos ligados a nenhuma comunidade que não tenha influenciado historicamente na definição de nossa identidade. De acordo com Carvalho, “vimos que MacIntyre concebe a filosofia moral como um enclave entre filosofia, a sociologia e a história, quer dizer, que não se pode pensar o agente moral e sua identidade fora dos âmbitos sociais e da história narrada da qual ele faz parte”¹⁸.

O conceito de virtude estará perpassado por essa tríplice influência, das áreas da filosofia, história e sociologia, e o papel e função do agente moral será definido a partir desses diferentes saberes. Dito de outra forma, significa afirmar que a constituição da identidade, a constituição do ‘eu’ de cada indivíduo, não está separada do status social e histórico que este vivencia, pois a história da sua vida está inserida na história daquelas comunidades nas quais ele vai constituindo a sua identidade.

De acordo com MacIntyre, “eu nasci com um passado; tentar separar-me desse passado, nos moldes individuais, é deformar minhas relações atuais. A posse de uma identidade histórica e a posse de uma identidade social coincidem”¹⁹. No entanto, encontrar a sua identidade moral mediante o pertencimento a instituições/comunidades como família, cidade, tribo, não significa, necessariamente, que estejamos presos às limitações das singularidades dessas comunidades, ou que não se possa alcançar uma consciência crítica em relação às mesmas. As particularidades morais constituem o dado inicial, o ponto de onde começam a lançar-se para além de tais particularidades na busca do bem e do universal. Mas, a busca na qual a particularidade moral se constitui, nunca poderá ser deixada de lado ou obstruída. Por isso, segundo MacIntyre,

Quando homens e mulheres identificam o que são, de fato, suas causas particulares e parciais muito particularmente e muito completamente com a causa de algum princípio universal, eles usualmente comportam-se pior do que se comportariam de outra forma. Assim, a constituição moral de cada indivíduo acontece social e historicamente. O seu

¹⁸ CARVALHO, H. *Tradição e Racionalidade na filosofia de Alasdair MacIntyre*. São Paulo: Unimarco, 1999. P. 79.

¹⁹ MACINTYRE, A. *Depois da virtude*. Um estudo em teoria moral. Trad. Jussara Simões. Bauru, SP, EDUSC, 2001. P. 371.

“eu” faz parte de uma história, que, reconhecendo ou não, gostando ou não, é um dos sustentáculos de uma tradição, aqui entendida como uma discussão histórica e socialmente encarnada, acerca dos bens que constituem a tradição, cuja busca lhes dá sentido e propósito²⁰.

Após termos procurado fundamentar historicamente, como MacIntyre percebe a fragmentação da moralidade ao longo da história, podemos verificar como ele defende a viabilidade da ética das virtudes e a apresenta como uma solução plausível para o individualismo contemporâneo.

6. Uma ética aristotélica das virtudes, segundo MacIntyre

Com a publicação da obra, *After Virtue*, de 1981, MacIntyre estabeleceu os eixos centrais de sua proposta teórica em resposta aos desafios da crise moral contemporânea, fazendo fortes críticas à filosofia moral moderna, ao iluminismo e seus atuais representantes, bem como ao liberalismo, tanto filosófico e político. Apresenta, então, a ética aristotélica das virtudes como uma possível saída para a profunda crise da moral, em nossa época. Em seu retorno à ética de Aristóteles percebe-a como um elemento central para a recuperação da racionalidade do discurso moral, demasiadamente fragmentado do mundo contemporâneo. Esse retorno à ética aristotélica não acontece mediante um mero saudosismo do passado ou uma supervalorização do mesmo, mas atualizando, segundo referenciais históricos, o importante fato de que a humanidade se constitui historicamente, projetando-se para o futuro com atitude sempre nova.

Segundo MacIntyre (2001), as virtudes se apresentam como um caminho de crescimento para o ser humano, que viabiliza a passagem deste, de um estado de dependência e vulnerabilidade, para um estado de responsabilidade. Essa passagem para a responsabilidade acontece de forma lenta nos próprios processos naturais da vida humana na sua relação com os outros, seja na família, escola e sociedade, em que aprendemos a fazer o uso da racionalidade prática e junto com os outros. Todo esse processo permite ao ser humano adquirir a capacidade de avaliar e justificar as suas ações para além do meio em que vive. Trata-se do desenvolvimento da razão prática, que nada mais é do que a capacidade de avaliar as razões e justificar as ações próprias e dos outros indivíduos. Essa capacidade nasce com o desenvolvimento das relações de reciprocidade para com os outros.

As relações de reciprocidade, para o filósofo escocês, são de suma importância para que se possa compreender a dependência mútua e o lugar que as virtudes terão na vida humana. Durante todo o processo de desenvolvimento do ser humano, vive-se numa rede de relações de reciprocidade marcada por relações de dar e receber. Ao longo desse processo, lenta e gradualmente, o ser humano vai sendo formado

²⁰ MACINTYRE, A. *Depois da virtude*. Um estudo em teoria moral. Trad. Jussara Simões. Bauru, SP, EDUSC, 2001. P. 372.

para a linguagem moral do cuidado e do dom. Nesse contexto de reciprocidade, as virtudes se tornam muito importantes porque, à medida em que as redes de reciprocidade vão se tornando mais complexas, as lutas de poder, corrupções, abusos, também se tornam mais evidentes. Por isso, MacIntyre afirma que “sem as virtudes não conseguimos proteger adequadamente a nós mesmos e aos outros da negligência, das simpatias danosas, da estupidez, da avidez e da malícia”²¹.

Sob a ótica do argumento macintyriano, percebe-se que a vivência das virtudes conduz para uma educação que considera o reconhecimento da dependência como fator importante para o desenvolvimento da consciência moral do indivíduo. Além disso, valoriza a importância de um ambiente no qual a dialética de direitos e deveres e a preocupação com aquilo que é comum estejam presentes e sejam trabalhados em forma de reciprocidade. O conhecimento de si mesmo, bem como o conhecimento da realidade na qual o indivíduo está inserido, acontece por meio da rede de relações e situações com os diferentes membros da sociedade. De acordo com MacIntyre,

O conhecimento que temos de nós mesmos depende também de quanto aprendemos com os outros a propósito de nós mesmos, e mais ainda da confirmação da parte dos outros que nos conhecem bem dos juízos que formulamos sobre nós mesmos, uma confirmação que apenas os outros podem nos dar²².

Diante do afirmado acima, fica mais evidente que, para MacIntyre, o ser humano tem a necessidade dos outros, no sentido de discutir com os demais a compreensão de sua própria situação particular. Cabe ao indivíduo a tarefa de ser um agente prático para compreender a responsabilidade da colaboração na realização das relações que dão a vida um sentido sobre a boa vida e as virtudes necessárias para tal empreendimento.

7. Conclusão

Um estudo sobre a proposta da ética comunitarista de MacIntyre, diante do debate ético-político contemporâneo, pautado nas discussões sobre a natureza da relação entre indivíduo e sociedade, se mostra muito importante. Mais do que nunca, é uma rica oportunidade para dialogar com as diferentes concepções filosóficas no campo ético das sociedades contemporâneas, marcadamente pluralistas e multiculturais.

MacIntyre percebeu a importância da redefinição dos conceitos de tradição, prática e narrativa da vida humana, como uma reformulação das bases e princípios teóricos para a compreensão do papel das virtudes no contexto contemporâneo. Para o filósofo escocês, o ser humano é parte integrante de um

²¹ MACINTYRE, A. *Dependent Rational Animals: Why Human Beings Need the Virtue*, London, 1999. P. 98.

²² MACINTYRE, A. *Dependent Rational Animals: Why Human Beings Need the Virtue*, London, 1999. P. 98.

contexto social, onde ele realiza diversos tipos de ações que estão interligadas entre si, e que trazem resultados tanto para o sujeito que as exerce, quanto para toda a comunidade em que esse sujeito vive.

Percebe-se, também, que a ideia da fragilidade e o reconhecimento da mútua dependência, tem-se tornado um importante ponto de partida para a discussão das virtudes e da visão do ser humano enquanto agente prático. Esse argumento nos leva a constatar que há a necessidade de ir além da atração instrumental e calculista das relações fundamentadas sob o binômio dar/receber, sendo urgente recolocar ao ser humano contemporâneo a importante questão de como buscar uma vida boa em conjunto com os demais, por meio da retomada da ética das virtudes como uma possível saída para a profunda crise moral de nossa época. Nessa perspectiva, entenderemos que o ser humano se constitui para além de sua individualidade, também por meio de sua relação com os outros da sua espécie, com os demais seres vivos, com o meio ambiente, etc. Segundo essa visão, cada indivíduo desenvolverá a sua formação moral de acordo com as virtudes valorizadas individualmente e em seu entorno, de modo especial na sua comunidade, grupo e tradição.

O que permanece em aberto, apesar das luzes que a visão de MacIntyre possa ter trazido, é o grande desafio da convivência, para as sociedades contemporâneas pluralistas e multiculturais. A questão pode ser apresentada dessa forma: como desenvolver comunidades éticas em que os cidadãos, por meio dos debates racionais, com base em suas tradições, discutam o reconhecimento da pluralidade de opiniões e demais escolhas, com todas as suas consequências práticas, culturais, políticas e teóricas? É possível a manutenção de um ambiente de reciprocidade entre as diferentes tradições? Sabe-se que, para MacIntyre, um primeiro passo a ser dado é o do reconhecimento da dependência de uns para com os outros, e esse reconhecimento é a chave para a independência. Nessa perspectiva é que as relações sociais de reciprocidade, pautadas nas relações de dar e receber, aprimoradas através das virtudes desenvolvidas pelo modelo Aristotélico/Tomista ao longo da história da humanidade, são possíveis alternativas de resistência e mudança, frente ao individualismo e consumismo, tão presentes em nossa sociedade.

Assim, acredita-se que estudar a Ética das Virtudes é uma rica oportunidade para refletir sobre as implicações da atitude moral dos indivíduos frente à sociedade atual, caracteristicamente definida como multicultural e diversificada. Sua defesa em favor de um engajamento dos indivíduos requer uma responsabilidade compartilhada, e exige estratégias que favoreçam práticas compartilhadas nas referidas comunidades nas quais estamos engajados, frente aos diversos desafios que advém do viver em comunidade.

Enfim, essa temática não se esgota mediante os argumentos aqui apreciados, mas acreditamos ter levantado algumas hipóteses, por meio das teses da ética das virtudes de MacIntyre, e sem almejar definir certezas e verdades. Acreditamos ser justificável apresentar a ética das virtudes como uma importante

ferramenta para entendermos um pouco melhor os dilemas morais e éticos das muitas faces das sociedades contemporâneas.

Referências

BORRADORI, Giovanna. *A filosofia americana*, São Paulo: ed. UNESP, 2003.

CARVALHO, Helder Buenos Aires. A contemporaneidade de Aristóteles na Filosofia moral de Alasdair MacIntyre, *Síntese*, 2001, 37-66.

_____. Comunidade Moral e Política na ética das virtudes de Alasdair MacIntyre. *Ética: Florianópolis*, v. 6, n. 4, p. 17- 30, agosto 2007.

_____. *Tradição e Racionalidade na filosofia de Alasdair MacIntyre*. São Paulo: Unimarco, 1999.

LINS, Maria Judith Sucupira da Costa. *Educação Moral na Perspectiva de Alasdair MacIntyre*. Rio de Janeiro: ACCESS, 2007.

MACINTYRE, Alasdair. *Dependent Rational Animals: Why Human Beings Need the Virtue*, London, 1999.

_____. *Depois da virtude*. Um estudo em teoria moral. Trad. Jussara Simões. Bauru, SP, EDUSC, 2001.

_____. *Justiça de quem? Qual Racionalidade?* Trad. Marcelo Pimenta Marques. São Paulo: 4ª. ed. Loyola, 1991.

RIBEIRO, Elton. *Reconhecimento ético e virtudes*. São Paulo: Loyola, 2012.

Recebido em: 27 de maio de 2016.

Aprovado para a publicação em: 4 de outubro de 2016.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.9 – Nº.2	Dezembro 2016	pp. 33-45
-----------------	-------------------	--------------	--------------	------------------	-----------